

O cinema e a diversidade cultural capixaba

Charlaine Suelen Rodrigues Souza

charlaine.rodrigues@gmail.com

Resumo: O presente artigo discute a exposição da diversidade cultural do estado do Espírito Santo por meio das produções cinematográficas realizadas por artistas locais na década de 2000. O foco é avaliar como estes profissionais assimilam a importância da realização audiovisual em conjunto com os propósitos de valorização da cultura, costumes e necessidade do Estado.

Palavras-chave: diversidade, cinema, espírito santo, capixaba, cultural, cultura.

Introdução

Existe um movimento cíclico no capitalismo, em relação ao poder do Estado. Em alguns momentos ele controla a economia e em outros é o próprio mercado que dita às regras, baseando-se na oferta e na procura. Atualmente, o “mundo” está subordinado ao lucro, e a consequência disso é a mercantilização de todos os aspectos da vida. Tal cenário foi potencializado quando começaram as discussões sobre Globalização nos anos 1990. Na teoria, seria uma forma de facilitar as trocas comerciais e culturais entre os países – uma espécie de fim das fronteiras. A revolução tecnológica, principalmente na área de Comunicação, em tese, tornaria isso possível.

A partir de então, o ser humano foi se tornando hiperconectado. A internet permitiu as mais diversas viagens por outras culturas, em tese o homem poderia ser bem mais completo e com muito mais conhecimentos do que outrora. Reduziram-se as distâncias entre os indivíduos, pelo menos esse é o discurso por trás do conceito de Globalização. Entretanto, existem controvérsias.

Alguns teóricos, como o economista Hassan Zaoual, discutem a Globalização como a difusão de um pensamento único pelo mundo. Resumidamente, é como se um modelo ideal de organização política e econômica devesse ser seguido por todos os países. A consequência disso, como mencionado anteriormente, foi a mercantilização de todos os aspectos da vida.

Para dizer de outra forma, o lucro passou a ser o elemento mais importante nas relações, comerciais e até pessoais. Esse modo de funcionamento também atingiu a cultura.

A partir dos anos 2000, os pensadores começam a problematizar a visão mais romântica da Globalização no que diz respeito à cultura. Há um grupo de pensadores, como

Teixeira Coelho, que discorre sobre os riscos de subordiná-la exclusivamente ao lucro. Nesse caso, não existiria o fim das fronteiras entre as nações, e sim a imposição dos países mais poderosos economicamente sobre os mais fracos. O exemplo mais comum é a indústria hollywoodiana, uma das mais importantes exportadoras de filmes. O mecanismo é simples: investir nessas produções é sempre lucrativo, então sempre haverá espaço para elas. Entretanto, aquilo que é diferente pode não fazer sucesso, então para que arriscar?

A ideia de cultura como produto é afirmada a partir do momento em que se veicula a cultura à OMC (Organização Mundial do Comércio), colocando a entidade como instância reguladora. Considerar a Cultura como produto possibilita que grandes grupos empresariais a manipulem conforme as regras do Mercado, sempre visando o lucro.

Diante desse cenário homogeneizante, começam a surgir movimentos de resistência, na tentativa de proteger as culturas locais. Alguns são nacionalistas, de caráter xenófobo, impedindo quaisquer influências internacionais.

Entretanto, essa postura radical também é problemática, tendo em vista que a própria noção de identidade nacional é complicada. Em seu artigo *Dimensões e perspectivas da diversidade cultural no Brasil*, Leonardo Brant cita um artigo de Mario Vargas Llosa, escrito para o jornal O Estado de São Paulo em 1º de agosto de 2004: “A simples ideia de identidade cultural de um país, de uma nação, além de ser uma ficção confusa, leva inevitavelmente à justificação da censura, ao dirigismo cultural e à subordinação da vida intelectual e artística em uma doutrina política: o nacionalismo”.

Afinal, como afirma François de Bernard em seu artigo *Por uma definição do conceito de diversidade cultural*, “a diversidade cultural é diversa”, e, muitas vezes, conflitante. Nesse caso, também é importante salientar que a cultura é dinâmica e se modifica também no choque com outras culturas, com o diferente. A esse respeito, Néstor Canclini, em *As Culturas híbridas em tempos de globalização*, define hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Lidar com a produção e a divulgação dessa diversidade é o desafio do século XXI. Para isso é necessário haver uma mudança de mentalidade que deve passar pelo Estado. Para promover a diversidade cultural, é preciso pensar em políticas públicas, criando um cenário favorável para a livre manifestação. No caso do Brasil, ainda existe um longo caminho a percorrer.

As políticas públicas do Brasil para cultura estão centradas no oferecimento de bens e serviços culturais a uma ínfima parcela da população. (...) Uma cultura desarticulada e desarticuladora, que ignora sua tradição indígena e africana como o nascedouro de um rico processo de miscigenação cultural. Passa ao largo dos meios de comunicação de massa, únicos difusores de cultura para cerca de 90% da população. Como consequência disso, observamos um frágil setor cultural, carente de um sistema vivo que garanta

a preservação e a promoção das inúmeras e diversas manifestações culturais por todo país (BRANT, 2005).

Discutir Diversidade Cultural no Brasil não deveria ser um problema, devido ao grande número de misturas étnicas que contam a nossa história. Essa miscelânea de crenças e tradições se configura como a identidade do brasileiro, mas que não é vista assim devido à intromissão de conceitos criados por economias hegemônicas que, desde sempre ditam o que é certo e errado.

Tentar definir apenas uma cultura como “a” identidade nacional é também um erro histórico. Cada região do Brasil teve influências de diferentes culturas e nacionalidades e adotar apenas uma como hegemônica arruinaria a autoestima das outras, o que poderia implicar em resultados desastrosos para o desenvolvimento do País em todos os âmbitos: social, econômico, político e, claro, cultural.

A Diversidade Cultural deve permitir que cidades e estados se transformem em uma grande rede cultural, com fios de conhecimento, criatividade e informações para possibilitar trocas entre nativos e imigrantes e, paralelamente, reforcem suas respectivas culturas.

Dentro desse contexto de discussões sobre diversidade e valorização da cultura como forma de desenvolver certa região, este artigo propõe uma discussão da manifestação da cultura do Espírito Santo por meio do cinema. O Estado, por muitos anos conta com uma piada interna de “não possuir identidade”. Localizado entre três estados de vestígios culturais marcantes - Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia – ele teve toda sua constituição influenciada diretamente por eles por questões históricas da formação do Estado e que possui nessa história grandes fluxos de emigrantes desses Estados.

Trazendo ou discurso para a Primeira Pessoa, por exemplo, eu sou mineira e fui morar no Espírito Santo aos seis anos de idade. Por muitos anos achava que não existissem pessoas nascidas no Estado. Todas as minhas referências eram de pessoas que vieram de outros estados para morar lá. Depois que saí do Estado e vim morar em São Paulo, quando falo para alguém “*Sou do Espírito Santo*”, geralmente a pergunta seguinte é: “*Mas você nasceu no Espírito Santo?*”. Quando explico que nasci em Minas Gerais, os comentários seguintes são variações desse: “*Ah, bom, porque eu não conheço ninguém que nasceu lá!*”.

Buscar traços que caracterizam e diferenciam os capixabas dos demais estados do Brasil tem sido foco de discussões de jornalistas, sociólogos, artistas entre outros profissionais da área de Humanas. Na década de 1990, a Prefeitura de Vitória, capital do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Cultura, lançou um projeto chamado “Escritos de Vitória” onde, até hoje, destaca setores da cultura local em forma de uma série de livros. O nº 20, de 2001, chama-se “Identidade Capixaba” que reúne uma série de artigos de profissionais sobre o que caracteriza um capixaba, as contradições, a relevância e também

as possíveis armadilhas na busca desse tipo de definição. Para Gama Filho (2001, p.159) o termo Identidade Capixaba já aponta um problema. Segundo ele

A palavra identidade deriva de “idem”, que significa “o mesmo”. Estaríamos diante, portanto, de um projeto estruturalista de procura do invariante presente nas diversas e contrastantes microrregiões culturais capixabas? Onde se encontra esse conjunto de interseção vazio, esta pedra filosofal impossível, logicamente inconsistente e que não existe? (FILHO, 2001, p.159).

O autor irá defender primeiro, um contexto de “características”, ao invés do termo identidade, pois assim como todo o Brasil o Estado do Espírito Santo foi constituído por imigrantes de diversas partes do mundo e esta em constante mistura e embate de culturas. Mas essa necessidade de dar uma “cara” ao capixaba se fez, ou faz ainda necessária como forma de afirmação e diferenciação a outros locais. Essas tentativas também chegaram ao campo das Artes e manifestações culturais. Seja simplesmente exibindo paisagens do Estado, ou produzindo conteúdos diretos que falem do dia a dia a da História desse povo chamado capixaba.

A fim de afunilar a discussão, o presente artigo irá destacar como a cultura do Espírito Santo é destacada no universo audiovisual na primeira década do século XXI, por meio de depoimentos de alguns produtores audiovisuais. O foco é falar de pessoas que se destacaram nesse universo e que produzem filmes até hoje. Para selecionar os entrevistados a base partiu de dois pontos de referência. O catálogo da ABD&C – ES (Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-metragistas do Espírito Santo) e do Catálogo de Produtos Culturais do Espírito Santo, lançado em 2005, pela Secult de Vitória.

Cultura, Diversidade e Desenvolvimento

Definir e sistematizar conceitos sobre cultura e sua diversidade é uma tarefa de resultados inconstantes até para grandes pensadores que já se debruçaram sobre o assunto. Não é possível simplificar e limitar os conhecimentos e definições sobre esse tema, bem como as características sobre uma determinada manifestação cultural. Mesmo fugindo da superfície, da horizontalidade e partindo para uma verticalização das discussões, as questões ainda estarão abertas e longe de conclusões.

É de se questionar se realmente vale a pena e é possível uma definição, talvez sejam várias definições sendo que nenhuma é certa porque nenhuma consegue dar conta da complexidade que é falar sobre diversidade cultural, pois esta, como o próprio nome diz, está constantemente se misturando, redefinindo e se reinventando.

Talvez diversidade cultural seja uma condição diversa dos seres e incontável conforme afirma Córdula (2008, p.135): “A Diversidade Cultural se realiza no humano, ao

longo da História. E é nesse contexto que as relações raciais se configuram, constroem e reconstroem”.

O mesmo afirma Barros (2008, p. 18) quando defende que a Diversidade Cultural está em constante movimento a partir do encontro, ou do embate, entre culturas e formas de pensar e agir

(...) a Diversidade Cultural é diversa, ou seja, não se constitui como um mosaico harmônico, mas um conjunto de opostos, divergentes e contraditórios. A Diversidade Cultural é cultural e não natural, ou seja, resulta das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças, mas também de suas desigualdades, tensões e conflitos. (BARROS, 2008, p.18)

A antropóloga Nilda Lino Gomes afirma que “Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças”. (GOMES, 2008, p.131).

Mas, no campo da pesquisa e gestão cultural a busca por entendimento e aproximação de conceitos deve ser constante. Para enxergar uma manifestação cultural e suas articulações com o entorno além da superfície, é preciso observar três dimensões, segundo José Márcio Barros (2008, p.18): “ (...) sua dimensão humanizadora e educativa, sua dimensão coletiva e política, sua dimensão produtiva e econômica”. Ela opera no indivíduo e seu desenvolvimento pessoal, promove o contato com comuns e não comuns criando espaços para conversas, interação, trocas e lutas por questões e age no campo da economia, pois é, em parte, definida por condições econômicas e tem capacidade de mudar estilos culturais por meio da renda e necessidade de rendimentos para se movimentar.

A cultura está ligada diretamente ao desenvolvimento humano, e esta ideia possui uma série de critérios e pontos de vista para ser definida que ultrapassam a ideia de desenvolvimento econômico. Segundo o Banco Mundial, o desenvolvimento de uma nação envolve produção de capitais diferenciados e complementares que caracterizam um local, sendo: o Capital que provém dos recursos naturais; o que é construído pelo humano que tange infraestrutura e bens financeiros; o capital humano que atesta a qualidade de vida da população por meio de saúde e educação, por exemplo; e o capital social, o mais ligado à cultura, que lida com valores e atitudes que são compartilhadas pela sociedade e que auxiliam o reconhecimento e confiança dos seres como nação (Barros, 2008, p. 21).

Nações que possuem mais diversidade cultural são consideradas à frente, pois, teoricamente lidam melhor com diferenças e possuem mais bens culturais para compartilhar. O Brasil é um grande exemplo desse tipo de nação.

A contradição do Brasil que é um país múltiplo culturalmente, etnicamente diverso e misturado e, no entanto, precisa de políticas específicas para favorecer essas diversidades e enfrenta barreiras sociais para aplicá-las. Segundo Salvato (2008, p.77) “Basicamente,

podemos dizer que esse paradigma do desenvolvimento humano tem quatro componentes essenciais: equidade (igualdade de oportunidades), sustentabilidade, produtividade e empoderamento (dar poder às pessoas, capacidade de escolhas)". Nesses aspectos o desenvolvimento humano do Brasil esbarra, pois lida com educação, economia e políticas.

Se não fossem certas políticas, a diversidade que esta literalmente na cara, poderia não ser vista e valorizada. Mesmo assim, os esforços ainda são poucos para dar conta da imensidão do país e o que este e sua população precisam para terem sua diversidade cultural reconhecida e acolhida.

“A medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (Hall, 2000)

As barreiras brasileiras se espalham por diversos grupos. Algumas são invisíveis como no caso da educação, defendida por Tânia Dauster Magalhães. A antropóloga fala da relação implícita divergente no setor educacional e como com o auxílio a estudantes carentes ao ensino pode, com o tempo, promover uma mudança não só na forma como se ensina, mas nos rumos da educação e, conseqüentemente da cultura no país.

Outro aspecto importante é a “desnaturalização” dos fenômenos. É perceber que os fenômenos são históricos e socialmente construídos e, portanto, possuem significados e regras, sendo perpassados por valores, conceitos, práticas e representações. E, se eles são histórica e socialmente construídos, apresentam também particularidades e diferenças. (MAGALHÃES, 2008, p.127). Mas, reconhecendo a naturalidade e sua constituição torna-se mais fácil entender e, se necessário, mudar ou adaptar certas posturas.

Identidade Cultural Capixaba

O Espírito Santo, apesar de situado na região sudeste, passou muito tempo desconsiderado como Estado pelo Império Português. O local e seus moradores passaram a ser considerados como região a ser desenvolvida apenas no final do século XIX, quando efetivamente o Espírito Santo passou a receber imigrantes e investimentos em comércio e estrutura a fim de se configurar como Estado.

Mas criar uma comunidade ainda requer outros fatores além da infraestrutura: concretizar as experiências de troca, circulação de pessoas por espaços públicos, interesses e valores comuns, entre outros fatores. Está ligada a uma relação de pertencimento ao local e visão daquele grupo de pessoas como próximos, independente do aporte econômico. Numa aldeia indígena, por exemplo, aquelas pessoas possuem o senso de reconhecimento, portanto, de pertencimento daquele local e pessoas e isto institui o senso de coletividade e comunidade. Essa relação começou a se estabelecer com o

capixaba há pouco tempo e, ainda assim a partir da união de vários povos diferenciados que foram morar na região como afirma Eliomar Mazzoco

A meu ver faz pouco mais de 100 anos que se consolidaram os ingredientes do processo de formação desse ser mítico que ocupa este espaço simbólico que é a identidade capixaba. Isto não é uma desconsideração ao longo do processo de colonização iniciado em 1535, mas uma alusão ao fato que até então (cerca de 150 anos atrás) ainda não tinham aportado a estas terras os italianos, açorianos, alemães, pomeranos, holandeses, poloneses, sírios, libaneses, turcos, japoneses, entre outras etnias, que contribuíram para a formação da imagem atual do capixaba. (MAZZOCO, 2001, p.58).

Isso também tem relação com aquelas pessoas que passaram a morar no local com as que deixaram de serem escravas para se tornarem cidadãos reconhecidos.

O nome Capixaba como referência a seus cidadãos também foi estabelecido há pouco tempo. A origem da palavra vem do Tupi que quer dizer “lavoura, roça”.

(...) Teodoro Sampaio consigna o termo tupi CAPIXABA, como significado a lavoura, a roçada. Certo, para o início das plantações, teriam escolhido sítio para o local onde houvesse uma fonte, indispensável à vida de seus habitantes e à rega da terra e que ficou sendo conhecida como a FONTE DA CAPIXABA, isto é, a fonte da lavoura, da roçada aberta no seio umbroso da mata. (FILHO, 2001, p.157).

Com o passar do tempo, os moradores atribuíram características milagrosas à fonte. Todos os recém-nascidos passaram a ser banhados na fonte a fim de garantir uma vida plena. Também eram considerados unguídos pela Fonte da Capixaba os que, mesmo morando longe, ingerissem a água daquela fonte. Desta forma, a expressão capixaba passou a ser considerada designação das pessoas daquela região, primeiro da cidade de Vitória e depois do Estado do Espírito Santo.

A preocupação com a cultura no Espírito Santo seguiu também o processo de desenvolvimento do Estado com a necessidade de se investir na região, seus hábitos e o que ele possui de diferencial passou a ser considerado como fator importante para reafirmação local e moeda de negociação com outros locais e instâncias.

Nesse sentido o Mazzoco, pesquisador capixaba, fala da cultura em várias instâncias e defende que identidade está relacionada a vários fatores além da cultura. Ele toma como exemplo a potencialidade do estado da Bahia

(...) é um caleidoscópio de muitas faces, em que o tripé básico do jogo de espelho é além da cultura, da economia e da política. É na inter-relação deste trinômio e na sua auto-referência que a identidade de uma opinião pública se transforma em projeto. E é justamente nesse aspecto que a identidade capixaba se torna o elemento ausente, não se conformando como tal. Não é outra a grita dos atores econômicos acusando nossa pouca força política para a atração de grandes projetos e financiamentos. Tanto mais quando olhamos para a vizinha Bahia, que com o seu salto cultural simbólico, acumulou o valor político-econômico agregado para competir com os demais estados do país, cunhando uma identidade e imagem baiana. (MAZZOCO, 2001, p.60).

Essa valorização está relacionada a todas as instâncias que regem a vida dos seres. Estados que possuem potencial para impor e cobrar benefícios para seus espaços, trabalham para o desenvolvimento humano de suas regiões.

Com isso, os questionamentos sobre qual seria a cara da cultura capixaba vieram com bastante força a partir dos anos de 1990 e 2000 com o aumento dos cursos de graduação e desenvolvimento das áreas Humanas, a ampliação dos meios de comunicação que permitiram o acesso a bens culturais de outros lugares e também o surgimento e a estabilização dos meios digitais de comunicação. Imprensa, sociólogos, artistas, historiadores, representantes de movimentos sociais começaram a se questionar: qual é o meu lugar? O que eu tenho a oferecer? O que me diferencia do outro?

Essas discussões não tiveram fim e, provavelmente nunca terão, mas foram e ainda são a base para a criação de políticas públicas de valorização da cultura, renderam inúmeros trabalhos acadêmicos e artísticos sobre o assunto e auxiliaram o capixaba a aproximar seu reconhecimento como estado. Elas também geraram inúmeras contradições e atribuições ao povo espírito santense que não são necessariamente da cultura geral do Estado. Um exemplo desse movimento é a tradição das Paneleiras de Barro de Goiabeiras e a produção da Moqueca Capixaba. A junção dessas duas tradições, que são realizadas por um grupo específico de pessoas, é difundida como características dos moradores em geral, mas dificilmente uma pessoa de fora que visitar uma casa comum do Estado irá encontrar uma panela de barro e irá comer moqueca no almoço.

(...) as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. (Hobsbawm e Ranger, 1984, p.10)

A cultura existe e é exercida e se mistura ao dia a dia de parte dos cidadãos e compõem o mosaico da diversidade cultural do Espírito Santo, mas o movimento traçado foi de certa forma institucionalizado por órgãos como a imprensa, que precisa produzir conteúdos diferenciados; pelas secretarias de turismo – que precisam de produtos culturais para divulgar o Estado e pela Secretaria de Cultura, que buscam não só a valorização, mas a institucionalização de bens para defender e prestar contas. Não vieram do entendimento da sociedade de que este é um componente de sua cultura.

Visando atender essa necessidade de reafirmação de uma identidade local, outras estratégias foram tomadas. Algumas benéficas e outras questionáveis. No universo do audiovisual do Estado existem hoje, Leis de Incentivo da Secretaria de Estado da Cultura específicas para a produção de conteúdos sobre a História e Cultura locais, mas não existe um sistema de difusão dessas obras.

Em 2005, foi publicado o Catálogo de Produtos Culturais do Espírito Santo. Um livro que elenca os principais profissionais, instituições e grupos de Artes Cênicas, Plásticas e Visuais, Música, Literatura e Cinema. Ao todo, 31 profissionais e 2 instituições que tratam da produção audiovisual do Espírito Santo foram catalogados e considerados “produtos culturais”. O objetivo do projeto pode até ser considerado nobre como afirma o prefácio do trabalho, assinado pela Secretária de Estado da Cultura, naquela época, Neusa Mendes.

A atividade cultural intercambia valores e modos de ser (criatividade, energia, visões de mundo etc.), e seus produtos geram emprego e renda e despertam o interesse e a curiosidade de muitos povos. É nesse sentido que a Secretaria de Estado da Cultura lança agora o I Catálogo de Produtos Culturais do Espírito Santo, contendo um painel abrangente da criação artística atual do Estado, a fim de divulgá-la e torná-la mais acessível. São produtos de qualidade, capazes de ingressar num mercado competitivo mais amplo sem perder a dimensão local e contribuir para a formação de uma imagem cultural própria do Espírito Santo.

Mas delimitar o potencial de uma manifestação cultural em páginas de um catálogo torna-se um tanto questionável se considerarmos que: de acordo com a afirmação da secretária produtos de qualidade são apenas os citados no livro? Quem disse? Quem definiu e baseado em quais critérios? O que é um “produto de qualidade”? Existe cultura de boa qualidade e cultura de má qualidade? Os produtos culturais são apenas os citados no livro? Esta obra é de 2005, estamos em 2013... estas pessoas ainda produzem, contribuem para a cultura audiovisual do Espírito Santo? Onde estão as outras pessoas que fazem cinema? Por onde esse catálogo circulou fora do Estado e dentro dele? Isso mudou a relação das pessoas com o cinema local? Qual a importância real da produção de conteúdo desses? A diversidade cultural de um local ou grupo de pessoas pode ser delimitada por um catálogo? Simples assim?

Valorização da Cultura no Cinema Capixaba

“Só existimos naquilo que e memória compartilha”

A frase acima citada em off no documentário “Uma volta na Lama”, da documentarista Úrsula Dart ajuda a entender um aspecto importante da cultura que é o compartilhamento de hábitos e valores e a reafirmação por meio da transmissão e registro.

A experiência do Cinema colabora de diversas maneiras para apontar aspectos e, ao mesmo tempo registrar a cultura de um povo. As primeiras imagens gravadas do Espírito Santo datam do ano de 1938 onde foram registradas imagens de locais simbólicos da paisagem do estado como o Parque Moscoso, Porto de Vitória e a Praça Costa Pereira. Os primeiros registros de filmes de ficção começaram a ser estruturados na década de 1960 com produções amadoras. O cinema capixaba começa a crescer na década de 1990 devido a dois fatores: a “Retomada” do cinema nacional e a criação da Lei Municipal de Incentivo

Cultural Rubem Braga – por meio de renúncia fiscal de impostos municipais, empresas podem patrocinar projetos culturais. Cerca de 20 filmes de longa e curta metragens foram produzidos em terras capixabas ou tiveram o estado como cenário. Nos anos 2000 a produção aumenta e a qualidade do material melhora devido a mais cursos de qualificação e a possibilidade de acesso a referências devido às mídias digitais. Cerca de 32 produções foram catalogadas pela ABD&C no início do novo milênio.

O recorte deste texto marca os anos 2000 quando a produção cinematográfica capixaba ganha fôlego em comunhão com a ideia de reafirmar uma cultura local. Dezoito profissionais foram contatados e receberam as mesmas duas perguntas:

1 – O cinema pode ser considerado uma forma de valorização da cultura de um local?

2 – Como você utiliza se apropria da cultura do Espírito Santo em seus trabalhos?

As respostas expostas aqui não possuem cortes.

Alexandre Serafini

Diretor dos curtas: “Observador” (ficção, 2005); “2 e meio” (ficção, 2010).

1 - O cinema é uma arte e o fazer do cinema já é dar uma voz a uma cultura e a um imaginário. O próprio uso dos espaços locais já é uma forma de valorizar também. Mais diretamente, o cinema envolve o trabalho de profissionais de várias áreas, como moda, interpretação, artes plásticas e música. O que por si só é uma valorização, não só financeira como também simbólica.

2 - Nos meus filmes, até agora, trabalhei com profissionais locais. Todos. Em todas as áreas. Exceto na finalização em película, que aí não tem como fugir do eixo Rio - São Paulo. Então usei atores que atuam aqui, equipe técnica de fotografia, som, maquinária, mais a parte da arte e trilha sonora daqui também. No meu último curta, trabalhei o roteiro com um escritor do estado. Então, estou sempre cercado dos mais variados agentes da cultura do Espírito Santo quando realizo meus projetos. Acho que é um jeito de dar uma contrapartida pelo uso de dinheiro público nos meus filmes. O dinheiro fica na maior parte aqui mesmo no estado e traz experiência para esses profissionais.

Edson Ferreira

Diretor de: “Auroras de Ébano” (documentário, 2005 – curta metragem); “Frames” (documentário, 2008 – curta metragem); “Marcas da Vila” (documentário, 2010 – curta metragem); “Entretornos” (ficção, em fase de produção – longa metragem)

1 - Assim como as demais produções artísticas, nas quais o trabalho de quem as realiza está impregnado de valores, tendências e costumes, o cinema consegue, e de uma maneira muito palpável, “real”, podemos dizer, levar ao público aspectos do tecido cultural. De uma forma mais latente, o cinema documentário tem cumprido esse papel, sobretudo em comunidades mais desassistidas pelo poder público, onde os realizadores dão visibilidade ao arcabouço de práticas e sentimentos adquiridos por aquela comunidade, seja dando voz a personagens emblemáticos do cenário cultural, seja registrando festas importantes de seu calendário. No entanto, a ficção também permite que a cultura local seja traduzida nas telas, quase sempre com o intuito de denunciar injustiças sociais, dar voz e vez aos que não a tem e promover uma reflexão diante de hábitos presentes na sociedade.

2 - Minha filmografia está fortemente impregnada da cultura capixaba. Os três documentários que realizei abordam diversos aspectos disso: em 2005, dirigi “Auroras de Ébano”, sobre o papel do negro na formação socioeconômica do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, também registra como negros da classe média capixaba lidam com o preconceito racial. Mais tarde, em 2008, realizei “Frames”, dessa vez abordando o cotidiano de trabalho de três importantes nomes do fotojornalismo capixaba. “Marcas da Vila” (2010) expõe como vivem hoje os parentes das quatro vítimas fatais do incêndio ocorrido na Vila Rubim, em 1994. Meu mais recente trabalho, o longa-metragem “Entretornos”, além de ter sido rodado inteiramente no Estado, traz ao público a vida de personagens um tanto desconhecidos, embora presentes no nosso cotidiano: a dona de um bar na Barra do Jucu, um cobrador de ônibus do Transcol e uma caixa de supermercado da Ilha das Caieiras, tudo isso ambientado na geografia capixaba: Praia de Camburi, Porto de Vitória, Convento da Penha, Terceira Ponte.

Eduardo Moraes

Diretor dos curtas: “Alcova” (ficção, 2009); “Memória” (ficção, 2010); “Tudo bem” (ficção, 2010).

1 - O cinema, para mim, atua como uma grande lente de aumento para qualquer ângulo que é apontado, pode ser um tema, a condição e a natureza humana, e também sim, a cultura de um determinado lugar. Na verdade é uma poderosa ferramenta para o que se dispor a apresentar. Apenas a arte de contar uma história através de imagens e sons, já é um autorretrato imaginativo de alguém, podendo ser realista ou não, há chances daquilo causar uma identificação com o outro, uma conexão por detectar, se reconhecer ou até se

descobrir através de uma experiência que só nos pede para ser vista, e que acabamos por nos ver nela. O cinema é um espelho humano.

2 - Eu nunca abordei meus trabalhos partindo da cultura de um determinado lugar, pelo menos até agora isso não aconteceu. Meu foco sempre foi em desenvolver a jornada interna dos personagens, sempre o lado humano e psicológico primeiro, e seu habitat e laços culturais passam a ser detalhes secundários, ou até nem explorados, mesmo reconhecendo o quão importante e forte é ter sua própria cultura aliada à história. O que me fez lembrar de um episódio que esboça bem essa constatação. Anos atrás estava com três amigos e fomos assistir “Mangue Negro”, do cineasta capixaba Rodrigo Aragão. Ninguém gostava do gênero terror trash, fomos mais devido às circunstâncias e queríamos conferir. O engraçado é que os quatro saíram do cinema com um estranho senso de orgulho, isso foi o mais impressionante, pois normalmente um filme com zumbis, muito sangue e criaturas horrorosas não deixa ninguém com essa sensação. Mas isso aconteceu pois escutamos o congo regional na trilha do filme, vimos a cidade de Guarapari, onde a maioria de nós passávamos as férias da infância, registrada ali. Parecíamos entrar num mundo ainda não explorado no cinema, mas que conhecíamos muito bem, e essa repercussão do “sim, fomos vistos” causa um grande impacto, mesmo quando essa cultura é exibida em doses sutis e numa obra estritamente fictícia.

Felipe Bob Redins

Produtor de curtas “2 e meio” (ficção, 2010); “Delete Love” (ficção, 2010); “Meninos” (documentário, 2009); “Uma volta na Lama” (documentário, 2010)

1. O cinema é um veículo de comunicação que expressa sempre o pensamento/ideologia de alguém, seja do roteirista, do diretor, do produtor, enfim, sempre há uma ideia que ecoa. Partindo deste princípio, o cinema cumpra a função de propagar à um determinado público as ideias ali contidas. Há sempre um discurso mesmo em um desenho animado. Sendo assim, a meu ver, é certo que o cinema pode ser considerado uma via para valorização da cultura local. Os EUA, por exemplo, muitas vezes se utilizaram do cinema para propagar o *american way of life* ou o "temor" aos soviéticos. No Espírito Santo, para citar um exemplo local, no filme As Horas Vulgares de Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize a cidade de Vitória é utilizada como personagem, o que significa que ali há um discurso sobre a cidade em questão, há um julgamento de valores intrínseco. Assim como há filmes que enaltecem a beleza do Rio de Janeiro há outros que valorizam a capoeira, o índios da cidade de Aracruz (ES), as paneleiras de barro de Vitória (ES), até personalidades locais, de renome nacional, como o botânico Augusto Ruschi ou o cantor Roberto Carlos. Temos que lembrar que o cinema engloba a ficção e o documentário. Outro ponto é que na

medida em que filmes são produzidos uma série de artistas locais consegue mostrar o seu trabalho e, desta forma conseguem visibilidade, o que pode lhes trazer reconhecimento, valorização, o que acarreta em uma valorização indireta da cultura local.

2. Eu trabalho com produção audiovisual no ES, sendo assim, seja em um longa-metragem ou em um filme publicitário do Governo do Estado estou sempre tentando "vender" a cultura capixaba. Os filmes podem ter um discurso universal mas são filmados, por exemplo, no Viaduto Caramuru (ponto histórico da Cidade de Vitória) ou são dentro de um Mosteiro mas com uma equipe de artistas e técnicos capixabas. Em suma, a cultura capixaba está enraizada em todos os trabalhos que faço.

Lizandro Nunes

Diretor dos curtas: "Céu de Anil" (ficção, 2003); "Nunca mais vi Érica" (ficção, 2007).

1. Com certeza, é um meio muito eficiente de levar ao mundo nossas paisagens, povo, costumes, artes, música... toda a cultura local pode estar diretamente ou como pano de fundo, representada num filme.

2. Não levanto bandeira, não busco fazer roteiros e filmes que defendem muito diretamente a cultura local e seus símbolos. Mas inevitavelmente ela está presente, nos personagens, nas locações, nas coisas que vivi e que são base para as minhas histórias.

Luiz Tadeu Teixeira

Diretor dos curtas: Graçanaã (ficção, 2006); Meninos na rua (ficção, 2003); O ciclo da paixão (ficção, 2000).

1 - A via para a valorização da cultura local é buscar histórias que tenham a ver com a nossa aldeia e dar-lhes uma conotação universal. É tb incorporar à narrativa, seja no cinema ou no teatro, quando possível, elementos de outras áreas, como a música, ícones visuais (principalmente no cinema) e nossa diversidade étnica. Nos filmes que fiz trabalhei muito que elementos visuais de Vitória e o do Espírito Santo, buscando várias épocas e referências históricas que nos ajudam a situar nossa gente.

2 - Sim. O cinema pode ser considerado uma via para a valorização da cultura local, pois o cinema tem a capacidade de absorver elementos de outras linguagens. Por meio do cinema podemos mostrar as nossas histórias, nossa música, nossa diversidade étnica, a

riqueza de locações (temos litoral, montanha, cidade grande, favela, reservas de mata atlântica, rios, manguezais, dunas...) além de oferecer oportunidade de trabalho para profissionais de diferentes áreas.

Cruzando os depoimentos recebidos, a grande maioria dos cineastas do Estado utiliza o seu espaço como paisagem e, nesse caso, aproveita os locais de reconhecimento e buscam trabalhar com pessoas do estado, sendo assim, compartilham do mesmo ritmo e estilo de gravar. Frutos de um grupo de pessoas que sempre trabalha junto, os profissionais geralmente se revezam nas produções. Um dirige num filme, no outro produz, no outro auxilia a pesquisa, no outro atua e, desta forma, a ideia de cinema capixaba é construída. As ficções são consideradas, em primeiro plano, pelo ponto de vista de arte, da sua característica natural de contar histórias. Em segundo plano elas são consideradas vias de valorização cultural. Referências sobre a história do lugar, detalhes sobre como são realizadas certas manifestações culturais, geralmente são designadas para os documentários.

Conclusão

Valorizar a cultura não é apenas mostrar fatos da história de um local, personagens marcantes e grandes monumentos. A cultura vai além, é também falar das pessoas simples, como elas falam, se relacionam, como lidam com o espaço onde vivem. Como se expressam, quais são seus valores. Não existe a intenção de fazer um material etnográfico e nem de catalogar em forma de audiovisual o que é e o que não é cultura capixaba, mas talvez de simplesmente mostrar como esses daqui vivem, se relacionam, não só com a cultura, mas também o fazer cinema. A forma como os profissionais encaram e se relacionam com arte cinematográfica é um comportamento cultural.

Uma forma de buscar mudanças e valorizar a diversidade cultural é defendida pela Doutora em Antropologia Social Nilda Lino Gomes no artigo *Diversidade étnico-racial e a Educação brasileira*. A marginalização está implícita nos detalhes, por exemplo, da educação, uma forma de marginalizar certo grupo por meio da falta de conhecimento e desenvolvimento das capacidades de posicionamento crítico. Para isso, ela tomou como exemplo o movimento negro e defendeu que uma das formas de combater o racismo é expor e tirar do lugar de exótico as manifestações culturais. Elas formam a base da constituição brasileira.

A autora defende o conceito da Sociologia das Ausências e Emergências. A primeira lida com o presente imediato e de forma intensa. Neste contexto, o pensamento que vale é buscar o que não está aparente: Por que não existe representação feminina na política

proporcional a quantidade de mulheres no Brasil? Por que o cinema que é produzido no Espírito Santo não tem grande destaque na universo audiovisual do Brasil? Por que não existem detalhes sobre a cultura negra nos livros de História? Por exemplo. A partir da avaliação das ausências, torna-se emergente cobrir a falta visando um futuro mais igualitário.

Referências Bibliográficas

I Catálogo de Produtos Culturais do Espírito Santo. Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo, 2005.

ABDCapixaba - abdcapixaba.com.br/

BARROS, José Márcio (org). **Diversidade Cultural da proteção à promoção.** Belo Horizonte. Autêntica Editora: 2008

BRANT, Leonardo. **Diversidade Cultural. Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas.** São Paulo: Escrituras, 2005.

Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). **A invenção das tradições.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SERRA, Monica Allende. **Arte sem fronteiras: 2º Fórum Internacional de Integração Cultural.** São Paulo: Umbigo do Mundo, 2002.

ZAOUAL, Hassan. **Globalização e diversidade cultural.** São Paulo: Cortez, 2003.

PREFEITURA DE VITÓRIA / SECRETARIA DE CULTURA (Org.). **Escritos de Vitória 20: Identidade Capixaba.** Vitória, 2001. 214p.